Palavra e caridade, duas faces da mesma *diakonia*: um estudo exegético e pastoral de At 6,1-7

Francisco Cornélio Freire Rodrigues[1]
Philipe Villeneuve Oliveira Rego[2]

Resumo
Com o intuito de provocar reflexões e direcionamentos para o agir pastoral da Igreja hoje, pretende-se analisar o exercício da *diakonia* cristã na perícope de At 6,1-7, não como ministério ordenado, mas como categoria de serviço aos mais necessitados – especialmente as viúvas – e anúncio da Palavra, missão dos discípulos de Jesus. Através da exegese, busca-se compreender os conflitos existentes entre os cristãos helenistas e hebreus da comunidade de Jerusalém, ressaltando a instituição de novas lideranças - os Sete – que desempenharam função semelhante ao grupo dos Doze para que o anúncio e a caridade fossem eficazes a todo o povo.

Palavras-chave: Anúncio. Caridade. Diakonia. Discipulado.

Introdução

Muitas vezes, a perícope de At 6,1-7 é usada para fundamentar o sacramento da ordem diaconal, inclusive como justificativa para a exclusão das mulheres, devido a uma interpretação literal da expressão "escolhei entre vós sete homens" (v. 3a). Também é comum usar esse texto para justificar a separação entre duas dimensões do serviço na Igreja: a assistência espiritual, com ênfase na pregação da Palavra, e os cuidados materiais com as pessoas mais necessitadas, priorizando-se a primeira.

Nesta pesquisa, apresentamos o anúncio da Palavra e o cuidado com as pessoas necessitadas – caridade – como duas dimensões inseparáveis do único serviço – *diakonia* – indispensável à edificação da comunidade cristã, como se fossem as duas faces de uma mesma moeda. Por isso, identificamos a instituição

[1] Mestre em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Santo Tomás de Aquino (Angelicum). Professor de Antigo e Novo Testamento na Faculdade Católica do Rio Grande do Norte (FCRN). E-mail: fco_cornelio.fr@hotmail.com
[2] Licenciado em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: philipe.villeneuve27@gmail.com.

dos Sete como um alargamento da missão dos apóstolos, responsáveis pela condução da comunidade em todas as dimensões. O objetivo da pesquisa é, à luz do texto bíblico, suscitar perspectivas pastorais inclusivas, dialogantes e criativas.

1 Estudo de At 6,1-7

1.1 Breve contextualização e delimitação

Considerando o plano e o programa geral de Atos (At 1,8), a perícope estudada localiza-se na primeira parte da obra (At 1,15–8,3), que corresponde à primeira etapa da missão da comunidade cristã, desenvolvida toda em Jerusalém (MARGUERAT, 2013, p. 24). At 6,1-7 marca o início da conclusão dessa etapa, com a introdução de novos personagens – os cristãos helenistas –, preparando a comunidade leitora para a etapa seguinte, quando terá início a missão fora de Jerusalém, começando pela Samaria (At 8,4-5), cujo expoente principal será Filipe, um dos Sete escolhidos para o serviço das mesas.

O texto é de fácil delimitação, tendo em vista a forma como inicia e como termina, com uma inclusão que destaca o aumento dos discípulos na comunidade (vv. 1.7). O tema e os personagens da cena também facilitam a delimitação oferecendo, inclusive, um elemento surpresa ao conjunto da obra, como veremos na exegese.

1.2 Tradução[3]

v. 1	Ἐν δὲ ταῖς ἡμέραις ταύταις **πληθυνόντων τῶν μαθητῶν** ἐγένετο γογγυσμὸς τῶν **Ἑλληνιστῶν** πρὸς τοὺς **Ἑβραίους**, ὅτι παρεθεωροῦντο ἐν τῇ **διακονίᾳ** τῇ καθημερινῇ αἱ χῆραι αὐτῶν.	Naqueles dias, tendo **aumentado os discípulos**, houve uma murmuração dos **helenistas** contra os **hebreus**, porque as suas viúvas estavam sendo negligenciadas no serviço cotidiano.
v. 2	προσκαλεσάμενοι δὲ **οἱ δώδεκα** τὸ πλῆθος τῶν μαθητῶν εἶπαν· οὐκ ἀρεστόν ἐστιν ἡμᾶς καταλείψαντας τὸν λόγον τοῦ θεοῦ **διακονεῖν τραπέζαις**.	Então, **os Doze** convocaram a multidão dos discípulos e disseram: "Não é conveniente que descuidemos da Palavra de Deus para **servir às mesas**.
v. 3	ἐπισκέψασθε δέ, ἀδελφοί, **ἄνδρας ἐξ** ὑμῶν μαρτυρουμένους ἑπτά, πλήρεις πνεύματος καὶ σοφίας, οὓς καταστήσομεν ἐπὶ τῆς χρείας ταύτης,	Irmãos, escolhei entre vós **sete homens** de boa fama, plenos de Espírito e de sabedoria, e os encarregaremos dessa tarefa.

[3] O texto grego corresponde à edição NESTLE-ALAND. **Novum Testamentum graece[28]**, enquanto a tradução é nossa. Estão em negrito os termos e expressões considerados chaves para a nossa análise.

v. 4	ἡμεῖς δὲ τῇ προσευχῇ καὶ τῇ διακονίᾳ τοῦ λόγου προσκαρτερήσομεν.	Assim, nós nos dedicaremos à oração e ao **serviço da Palavra.**
v. 5	καὶ ἤρεσεν ὁ λόγος ἐνώπιον παντὸς τοῦ πλήθους καὶ ἐξελέξαντο Στέφανον, ἄνδρα πλήρης πίστεως καὶ πνεύματος ἁγίου, καὶ Φίλιππον καὶ Πρόχορον καὶ Νικάνορα καὶ Τίμωνα καὶ Παρμενᾶν καὶ Νικόλαον προσήλυτον Ἀντιοχέα,	E a proposta agradou à toda a multidão, e escolheram Estêvão, homem pleno de fé e do Espírito Santo, Prócoro, Nicanor, Tímon, Pármenas e Nicolau, prosélito de Antioquia.
v. 6	οὓς ἔστησαν ἐνώπιον τῶν ἀποστόλων, καὶ προσευξάμενοι ἐπέθηκαν αὐτοῖς τὰς χεῖρας.	Os apresentaram diante dos apóstolos, que, depois de orar, lhes impuseram as mãos.
v. 7	Καὶ **ὁ λόγος τοῦ θεοῦ ηὔξανεν** καὶ **ἐπληθύνετο ὁ ἀριθμὸς τῶν μαθητῶν** ἐν Ἰερουσαλὴμ σφόδρα, πολύς τε ὄχλος τῶν ἱερέων ὑπήκουον τῇ πίστει.	E **a Palavra de Deus crescia** e o **número dos discípulos aumentava** muito em Jerusalém. Também uma multidão de sacerdotes aderia à fé.

1.3 Exegese

v. 1: O versículo começa com uma notícia rotineira, o crescimento quantitativo da comunidade (At 2,41.47; 5,14), e uma novidade: pela primeira vez, todos os membros da comunidade, homens e mulheres, são chamados de discípulos (gen. μαθητῶν). Na sequência, surge uma grande surpresa: a comunidade dividida em dois grupos, helenistas e hebreus, vivendo um conflito entre si, e o pior: as viúvas desassistidas. Ora, até então, as descrições da comunidade beiravam à perfeição (At 2,41-47; 4,32-35; 5,12-16). De negativo, o autor mostrara apenas o episódio de Ananias e Safira (At 5,1-11), mas como um fato pessoal que comprometera a comunhão e a concórdia vigentes na comunidade.

Os helenistas eram judeu-cristãos oriundos da diáspora. Muitos voltavam para Jerusalém na velhice, para viver os últimos dias na terra dos seus antepassados. Não falavam aramaico e nem liam as Escrituras em hebraico. Se a viúva em toda a Bíblia é sinônimo de pessoa vulnerável e necessitada de assistência, as desse grupo se tornavam ainda mais. E, por isso, é inadmissível que numa comunidade igualitária, descrita anteriormente como perfeita, as viúvas fossem descuidadas. Os hebreus eram os judeu-cristãos originários da própria Palestina, se comunicavam em aramaico, liam a Bíblia em hebraico e eram maioria na comunidade.

O serviço cotidiano, que no versículo seguinte é definido como "serviços das mesas", não corresponde a um serviço a mesas de refeição, como às vezes se

interpreta (COMBLIN, 1988, p. 148). Se trata da assistência material e econômica às pessoas pobres e vulneráveis. É a administração da economia da comunidade. E de acordo com At 4,34-35, eram os apóstolos quem faziam esse tipo de serviço, não era algo oposto à pregação, mas complementar. O objetivo do autor, com informações tão impactantes, é criar tensão dramática no relato, para dar ênfase à capacidade da comunidade de resolver problemas e superar desafios.

v. 2: Neste versículo, surge mais uma novidade: é a primeira vez, em Atos, que os apóstolos são designados pelo título "os Doze" (οἱ δώδεκα), e o envolvimento deles evidencia a importância do acontecimento; recorda a composição originária do grupo por Jesus (Lc 6,13), criteriosamente recomposta por eles mesmos, com a eleição de Matias como substituto de Judas (At 1,15-26). Detentores de inquestionável liderança, eles exercem a autoridade de maneira colegial, a partir do diálogo; por isso, envolvem toda a comunidade na busca de solução para o conflito. Não podem descuidar da Palavra, mas isso não significa pouca importância no serviço das mesas.

v. 3: A solução para o problema é construída coletivamente. Os Doze fazem uma proposta democrática e colegial (FABRIS, 1991, p. 130). Recomendam que a comunidade escolha, entre os seus membros, pessoas aptas a exercerem o serviço necessário. "Sete homens": um número que evoca completude e perfeição. Recorda também a composição do conselho dirigente da sinagoga, formado por sete homens, e o conselho de algumas instâncias da administração romana (cf. SEGALLA, 2000, p. 98). Assim, com esse número Lucas harmoniza costumes dos mundos hebraico e romano. As qualidades exigidas são significativas e ressaltam a importância da *diakonia* que está para ser reconhecida: ter boa fama e ser cheios de Espírito e de Sabedoria.

v. 4: Os Doze reafirmam a missão primordial a que foram chamados: a oração e a *diakonia* da Palavra. Porém, anteriormente eles foram apresentados também como responsáveis administração econômica da comunidade, arrecadando os bens dos fiéis e distribuindo conforme a necessidade de cada pessoa (At 4,34-35). Portanto, a *diakonia* da Palavra já exercida pelos Doze compreendia também a *diakonia* da mesa, ou o serviço da caridade.

v. 5: A proposta dos Doze agrada a todos. Esse é o resultado de quando as

soluções são construídas coletivamente, e não pré-determinadas e impostas por um grupo seleto. O elenco dos Sete escolhidos é apresentado, sendo todos de nomes gregos, certamente, porque eram membros do próprio grupo dos helenistas. O dado distintivo de Estêvão – pleno de fé e do Espírito Santo – era um requisito de todos (v. 3). Ele é apresentado como síntese e protótipo de todo o grupo dos Sete. Após este episódio, o livro de Atos traz notícias somente de dois deles: Estêvão (At 6,8–8,1), e Filipe (At 8,5-40; 21,8ss). Chama a atenção o fato de que a notoriedade que ganharão já não será pelo serviço da mesa, propriamente, mas pelo anúncio da Palavra, pela pregação. Por isso, defendemos que os Sete compõem um grupo paralelo aos Doze, com funções semelhantes, sendo que os Sete se dedicam inicialmente aos helenistas, enquanto os Doze permanecem dedicados ao grupo de origem hebraica.

v. 6: A comunidade que os escolheu, apresenta os Sete para os apóstolos referendarem a escolha, através da oração e o gesto de imposição das mãos, é um sinal de comissionamento (Nm 25,18.23; Dt 34,8). Não é um "rito de ordenação", bem como os Sete não são chamados de "diáconos". Logo, é equivocado ver neste relato a instituição da ordem diaconal. O que temos é um alargamento da missão apostólica, quando os Doze já não davam mais conta de atender às necessidades da comunidade que se tornava cada vez mais numerosa e complexa culturalmente.

v. 7: A perícope é concluída com um sumário que confirma a resolução do conflito, o crescimento da Palavra e o aumento numérico dos discípulos, formando a inclusão com o primeiro versículo. Isso confirma que a decisão tomada foi adequada. À medida em que a comunidade cresce, devem aumentar também as pessoas disponíveis para o serviço. Nenhuma demanda pode ser negligenciada. Para enfatizar ainda mais o crescimento da comunidade, Lucas relata a adesão também de sacerdotes, o que a torna ainda mais diversificada e necessitada de diálogo, uma vez que mais correntes de pensamento e concepções religiosas passam a interagir.

3 Perspectivas pastorais à luz da perícope At 6, 1-7

A perícope analisada nos aponta para o contexto, as problemáticas enfrentadas e as soluções propostas com vistas ao amadurecimento da

comunidade cristã, tendo sempre o mandato de Jesus como base, não apenas de fazer novos discípulos, mas tornar o seu Reino presente, onde possa ser garantida a vida, em plenitude, e a todos (cf. Jo 10,10). Neste sentido propomos, mediante o texto, algumas inquietações e sugestões para iluminar nosso agir pastoral.

Considerar, segundo apresentado anteriormente, que pela primeira vez na obra lucana aqueles que abraçaram a fé são também chamados de discípulos é entender uma radical postura da comunidade amadurecida em não mais reduzir a missão de anunciadores aos apóstolos. Mesmo sendo eles as testemunhas oculares e "guardiões" do mandato divino, caberia também dignificar o papel de todos aqueles que aderem ao Cristo, tornando-os responsáveis e protagonistas da missão. Do mesmo modo, todos os batizados hoje são chamados a viver sua vocação com dignidade, não de modo secundário. "Os pastores sabem quanto os leigos contribuem para o bem de toda a Igreja. Sabem que não foram constituídos por Cristo para assumirem sozinhos a missão salvadora da Igreja em relação ao mundo" (LG, n. 361).

Contudo o que se tem observado é uma deficiente ou inexistente capacitação dos leigos. Cada vez mais, principalmente as novas gerações de presbíteros, têm se preocupado com uma pastoral de conservação que os coloque numa posição de comodidade e, associando sua imagem à do bom pastor, façam do seu rebanho um conjunto de ovelhas, sem criticidade, que nada pensam senão apenas seguir aquilo que o mestre ordena. Diferentemente, nos exortam os padres conciliares, que se "reconheçam e promovam a dignidade e a responsabilidade dos leigos na Igreja. Confiem-lhes serviços para o bem da Igreja, deixando-lhes o espaço e liberdade para agir. Mais que isso, estimulem-nos a tomarem iniciativa [...]" (LG, n. 384).

Conferir o respeito à dignidade de todos os batizados é reconhecer, antes de mais nada, que, em seu ministério, Jesus sempre quis incluir a todos e fazê-los colaboradores de sua missão salvífica. "Todos são iguais em dignidade. A ação de todos os fiéis em vista da edificação do corpo de Cristo é comum a todos" (LG, n. 366). A configuração de discípulos encontrada na obra lucana nos aponta a um caminho de capacitar, emancipar da dependência hierárquica, e confiar também aos leigos e leigas não apenas o serviço da caridade, mas também do anúncio da

palavra. "Através dos dons recebidos, todo leigo é, ao mesmo tempo, testemunha e instrumento da própria missão da Igreja, 'segundo a medida do dom de Cristo' (Ef 4, 7)" (LG, n. 369).

Um outro fato peculiar, e de grande relevância, é a metodologia que os apóstolos usam para resolver a desassistência das viúvas dos helenistas, mas principalmente necessidade de uma liderança que cuide daquele povo segundo sua cultura. Para que seja possível a expansão da proposta cristã, não podem mais fecharem-se apenas ao grupo tradicional, é preciso abrirem-se às outras culturas e buscar estruturas que não apenas incluam os novos discípulos, mas garantam a eles a mesma atenção e direitos. "Com a enculturação da fé, a Igreja se enriquece com novas expressões de valores, manifestando e celebrando cada vez melhor o mistério de Cristo, conseguindo unir mais a fé com a vida." (DAp, n. 479).

Pensar um processo de evangelização que se adeque as culturas é, antes de tudo, corroborar para a natureza da Igreja que é diversa e una ao mesmo tempo. Pois ela, "sem nenhuma diminuição do primado da cátedra de Pedro, que preside a todos, procura proteger a legítima diversidade e fazer com que as particularidades, em vez de prejudicar, contribuam para a unidade" (LG, n. 320). Não significa abrir mão dos valores evangélicos, mas é permitir que eles, e não os dogmas cristalizados, nos guiem num agir pastoral frutífero, pois "a fé só é adequadamente professada, entendida e vivida, quando penetra profundamente no substrato cultural de um povo" (DAp, n.477). Só sensíveis às realidades de cada lugar e dispostos a promover a dignidade humana é possível instaurar o Reino de Deus, do amor e da justiça.

"A Igreja não cresce por proselitismo, mas por atração" (EG, n. 14). Não é possível gerar atração quando se quer impor um modelo de Igreja específico, quando apenas uma cultura decide, opera e administra as outras sem conhecê-las ou corresponder as demandas específicas de cada povo. A esta realidade, a perícope de Lucas chama atenção para a promoção de lideranças que não apenas estejam atentas aos valores do evangelho, mas sejam igualmente vinculadas às suas realidades e busquem corresponder a demandas próprias de suas culturas para que também nelas o Reino de Deus se faça presente. "Todos têm o direito de receber o Evangelho. Os cristãos têm o dever de anunciá-lo, sem excluir ninguém, e

não como quem impõe uma nova obrigação, mas como quem partilha uma alegria, [...] oferece um banquete apetecível." (EG, n.14)

Outra questão importante a ser colocada é a sensibilidade dos apóstolos em relação às viúvas, classe marginalizada de sua época, e que implica de maneira categorial a missão da Igreja em abraçar o cuidado com os mais pobres, não apenas aqueles que estão em vulnerabilidade financeira. Embora estes sejam o que mais mereçam atenção, também há todos aqueles que vivem a pobreza segundo as inúmeras periferias morais de nossa época, desapropriados de seus direitos, conduzidos a viver uma vida reclusa, sem aceitação da sociedade e suscetíveis a várias formas de violência.

A Igreja não apenas precisa ouvir os anseios dos grupos minoritários e marginalizados, mas precisa a luz da perícope lucana prover especial atenção com estruturas que incluam, considere-os em suas respectivas especificidades e promovam a dignidade humana de cada pessoa. Mais do que formar discípulos, a Igreja é chamada a ser sinal de ressurreição da vida da sociedade hoje, como precisou ser outrora na vida dos judeus helenistas, especificamente nas viúvas deste grupo. "A resposta a seu chamado (de Deus) exige entrar na dinâmica do Bom Samaritano, que nos dá o imperativo de nos fazer próximos, especialmente com quem sofre, e gerar uma sociedade sem excluídos, segundo a prática de Jesus [...]" (DAp, n. 135).

Fechada a uma moral e assumida a postura de guardiã de costumes cristalizados, a Igreja ignora a vida que acontece e a religião que é vivida fora dos espaços vigiados pela hierarquia. Mas ali também a mensagem de Cristo quer se fazer presente, o amor de Deus já alcançou com sua graça, mas dureza do coração humano a quer domesticar e limitar.

Considerações finais

Mediante a exegese da perícope At 6,1-7 e das intuições pastorais suscitadas a partir desta, no presente trabalho buscamos provocar reflexões acerca do agir pastoral da Igreja que, em alguns setores e atualmente, ainda centraliza suas práticas no clero, numa cultura romana/europeia e isento de um olhar crítico para as realidades sociais que necessitam do apoio, preocupação e

cuidado da Igreja.

Deste modo, retornar à tradição bíblica da comunidade apostólica é inquietar o presente da ação evangelizadora para um agir descentralizado, pois toda a Igreja é ministerial e resplandece nas duas faces de uma mesma *diakonia*, palavra e caridade, a natureza dos discípulos de Jesus; ao mesmo tempo provoca um agir propositivo a partir de cada cultura para que a mensagem de Jesus e o Reino de Deus se façam presentes na diversidade de povos e etnias; por fim, partindo da questão principal encontrada na perícope entre judeus de raiz hebraica e os de raiz helenista, sensibilizar o agir eclesial para que os cristãos, sendo fiéis aos valores evangélicos, atuem implicados e comprometidos com as realidades sociais de exclusão e vulnerabilidade social para ser sinal, espiritual e concreto, de ressurreição.

Referências

COMBLIN, José. **Atos dos Apóstolos Vol. 1: 1-12**: comentário bíblico. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA *LUMEN GENTIUM*: sobre a Igreja. In **VATICANO II: mensagens, discursos e documentos**. São Paulo: Paulinas, 2007.

DOCUMENTO DE APARECIDA: Texto conclusivo da X Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, Edições CNBB, Paulinas, Paulus, 2007.

FABRIS, Rinaldo. **Os Atos dos Apóstolos**. São Paulo: Loyola, 1991.

FRANCISCO, Papa. **Evangelli Gaudium**. São Paulo: Paulus, 2013.

MARGUERAT, Daniel. **Gli Atti degli Apostoli 1 (1 - 12)**. Bologna: EDB, 2011.

NESTLE-ALAND. **Novum Testamentum graece**. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2013[28].

SEGALLA, Giuseppe. **Carisma e istituzione a servizio della carità negli Atti degli Apostoli.** Roma: Gregoriana, 2000.